

Fernando Henrique quer ações para deter desemprego

No seu discurso de posse, Presidente dá esta orientação aos ministros

Cerimônia ocorrida no Congresso foi sem emoção e com poucos parlamentares

O presidente Fernando Henrique Cardoso tomou posse ontem, no Congresso Nacional, do seu segundo mandato presidencial - que vai até 31 de dezembro de 2002 - e garantiu que cumprirá tudo o que prometeu durante a eleição. "Não fui eleito para ser o gerente da crise. Fui escolhido pelo povo para superá-la e para cumprir minhas promessas de campanha", afirmou o Presidente, num discurso que durou 21 minutos.

Fernando Henrique revelou sua preocupação com o desemprego: "Os ministros que em poucos minutos estarão tomando posse em seus cargos receberão do Presidente da República uma orientação precisa: concentrar a competência de suas equipes e os recursos de suas pastas nos projetos que abram novas oportunidades de trabalho e de renda, especialmente para os jovens".

Ele definiu ainda que o objetivo central do seu segundo mandato "será o de radicalizar a democracia, democratizar o mercado aumentando a competição e promover mais ampla oportunidade para todos os brasileiros. Isso requer determinação política e o crescimento econômico continuado".

O Presidente também fez um breve balanço de seu primeiro mandato: "Nos últimos anos o Brasil renovou sua fisionomia, com a construção de estradas de relevância estratégica, quatro hidrovias, um sem número de portos e aeroportos. Promoveu um salto na produção de energia e uma revolução nas telecomunicações. Mudou muito. Mas quando falo em mudança, penso em algo mais profundo, abrangente e capilar, que toca o cotidiano de cada um dos brasileiros e melhora as suas vidas", disse, referindo-se à estabilidade da moeda brasileira.

Fernando Henrique foi aplaudido apenas duas vezes: na primeira vez, quando citou o deputado falecido Luís Eduardo Magalhães e, no final do discurso, que terminou com uma referência ao também falecido ministro Sérgio Motta. Foi uma cerimônia protocolar sem o brilho de outras posses e foi pouco prestigiada pelos parlamentares - cerca de 55 presentes, menos de 10% dos 594 deputados e senadores - e na qual o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-

BA), mais uma vez acabou roubando a cena com um discurso de improviso, fora do protocolo.

O Presidente e o vice-presidente Marco Maciel chegaram à rampa do Congresso às 16h52 e foram recebidos pelos presidentes do Senado e da Câmara, deputado Michel Temer, que os acompanharam ao plenário do Congresso. A sessão foi aberta pontualmente às 17h e durou apenas 40 minutos. A primeira-dama, dona Ruth Cardoso, bem como a esposa do vice, Ana Maria Maciel, sentaram-se na primeira fila do lado esquerdo do plenário, destinado às autoridades e aos convidados do Presidente. Os filhos Paulo Henrique e Beatriz, além do genro David Zylberstajn e os netos, assistiram a posse na tribuna de honra.

Alternativas

O discurso de posse de Fernando Henrique frustrou até mesmo os poucos tucanos presentes e outros aliados. O deputado tucano Luciano Castro (RR) disse que se o Governo não der uma resposta ao desemprego, passará por dificuldades. "O discurso de posse não acenou com muitas alternativas, mas eu acredito que ele acha o momento delicado e o Presidente foi cuidadoso, não querendo acenar com grandes saídas. Ele disse que a área social vai ser uma prioridade mas não disse com que elementos vai viabilizar esse trabalho".

O líder do Governo no Congresso, senador José Roberto Arruda (PSDB-DF) disse que o discurso foi bom e lamentou a escassa presença de parlamentares, mas lembrou que ontem ocorria também a posse dos governadores nos estados, impedindo que muitos pudessem estar em Brasília. O senador Carlos Patrocínio (PFL-TO), que classificou o discurso de "cauteloso", também se queixou da data de posse que segundo um projeto seu mudaria para o dia 3 de janeiro, no caso do Presidente, e 5 de janeiro para os governadores.

O deputado José Genoíno (PT-SP), um dos poucos opositores presentes, contestou Fernando Henrique a respeito do início do diálogo com a oposição: "Alegro-me de que o diálogo com a oposição já se tenha iniciado", disse o Presidente no seu discurso. "Não há diálogo. Existem conversas esporádicas, pontuais, mas ainda não está caracterizado um diálogo. Sou a favor de dialogar com o Governo, mas isso não tira o papel nosso de fazer oposição", disse Genoíno. O petista avaliou a fala do Presidente como "um discurso burocrático, frio, sem conteúdo, sem emoção e sem pique. Eu esperava um discurso apontando o novo sentido das urnas".

SÓCRATES ARANTES

Repórter do Jornal de Brasília

■ Veja a íntegra do discurso na página 5